

O ator sem rosto

Como é o trabalho do dublador, o artista que só se expressa por meio da voz

MONIQUE VASCONCELOS E MARCELA CAPOBIANCO

Aquecimento vocal, nada de beber gelado, manter distância do álcool e do chocolate e ter uma maçã sempre por perto. Estas são as práticas cotidianas de quem usa a voz como forma de expressão. Os dubladores não fogem às regras. Eles são atores sem rosto, usam a voz como o único recurso de interpretação. Pouca gente sabe que os dubladores são, necessariamente, atores. Portanto, é errado pensar que a dublagem é um mero empréstimo da voz a um personagem pronto. Juntos aos diretores de dublagem, os atores sem rosto têm liberdade para desenvolver um jeito e uma voz característica a partir da "cara" do personagem. Em alguns casos, o processo de criação tem que ser feito às escuras, sem acesso à imagem do personagem. Utilizando somente a descrição escrita e a própria intuição, o dublador dispõe de alguns minutos para construir corpo, mente e voz do personagem a ser dublado. Especialistas na arte acreditam que o dublador precisa ser um "super ator", porque tem que expressar na voz toda a força e a emoção que o ator construiu com o auxílio do corpo e da face. Além disso, a voz deve estar sincronizada com os movimentos da boca do ator ou personagem que



A voz brasileira da Pequena Miss Sunshine, Flora Paulita, acompanhada do ídolo Orlando Drummond

está sendo dublado, mesmo que os idiomas sejam completamente diferentes um do outro. Para isto, são necessárias horas e horas de estúdio. Cenas curtas, de 30 segundos, podem precisar de uma tarde inteira para ficarem perfeitas. Com tanta dedicação e um bom número de profissionais qualificados, o Brasil se tornou

um dos países de excelência em dublagem no mundo inteiro.

Um dublador bastante conhecido no Brasil é o também comediante de televisão Orlando Drummond, que ficou famoso como o Seu Peru do programa *Escolinha do Professor Raimundo*, da Rede Globo. Drummond é dono de vozes famosas como a



O personagem Queen de Alraune, de Cavaleiros do Zodíaco, que é dublado por Figueira Júnior



A atriz Abigail Breslin, a Olive do filme *A Pequena Miss Sunshine*, que no Brasil é dublada por Flora Paulita

do cachorro Scooby-Doo; de Alf, o ETeimoso, da série americana que fez muito sucesso no fim dos anos 1980; do célebre marinheiro Popeye e do personagem Vingador, da *Caverna do dragão*. A jovem dubladora Flora Paulita, que tem 17 anos e começou a carreira aos 8, é uma grande admiradora de Orlando Drummond. Flora o conheceu através do neto dele, Felipe Drummond, que segue os passos do avô, e de Rodrigo Antas, que dubla o adolescente Bart do desenho *Os Simpsons*. “Drummond é um ícone na dublagem, não só para mim, mas para todos os dubladores. Sem contar que é uma pessoa que dá vontade de conversar com ele o dia todo. De ficar ouvindo as histórias dele”, conta Flora. Ao contrário de Orlando, Flora, que dá voz a personagens como a protagonista do filme *A pequena Miss Sunshine* e Wandinha, da *Família Adams*, ainda não conheceu a fama. O mais perto que Flora

chegou do estrelato foi ao dublar um papel secundário no filme *Eclipse*, baseado na série vampiresca da escritora americana Stephenie Meyer: “Os fãs de *Eclipse* foram muito fofos comigo, me mandaram várias mensagens e eu dei umas 10 entrevistas antes de o filme ser lançado. A personagem que eu dublei nem é tão grande e foi esse boom todo. Fiquei surpresa”, diz.

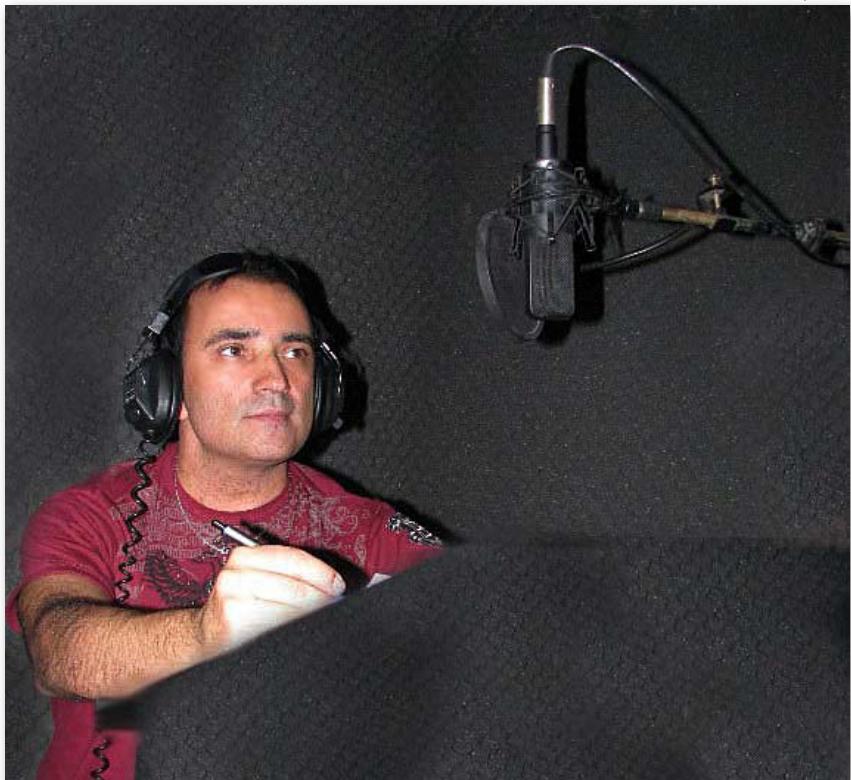
Os lugares em que os dubladores são mais prestigiados atualmente são as festas organizadas por “viciados” em desenhos japoneses. As festas, conhecidas como Anime, reúnem centenas de jovens – em grande maioria fantasiados dos personagens

que mais gostam – para debater, jogar e trocar informações sobre as animações nipônicas. O ator Figueira Junior, a voz do personagem Queen de Alraune de *Cavaleiros do zodíaco*, é reconhecido na rua por admiradores do desenho animado e já foi “estrela por um dia” em Animes organizados em São Paulo, cidade onde mora. Mas não só de personagens de desenho animado vive a voz de Figueira Junior. O dublador se orgulha em dizer que foi escolhido para ser a voz brasileira de Jim, o protagonista do filme *American pie*, interpretado pelo ator americano Jason Biggs. Figueira Junior lembra que foi um prazer dublar

A dublagem é uma grande aliada na difusão da cultura internacional, além de apresentar um desafio para atores de cena



Um dos protagonistas da animação Naruto, Neji Hyuuga, que no Brasil recebeu a voz de Michel Di Fiori



O dublador paulista Figueira Junior em momento de concentração no estúdio

Jim. Todos no estúdio se divertiam com as piadas e situações bizarras pelas quais passava o personagem. Alguns meses depois, o dublador se espantou ao assistir ao filme na televisão e perceber que a voz que dublava Jason Biggs não era a sua. Na época, houve um problema com a distribuidora do filme no Brasil, que precisou ser substituída. A nova distribuidora exigiu que todo o filme fosse redublado no Rio de Janeiro. Para Figueira, este caso é uma prova de que o mercado da dublagem é afetado por interesses financeiros e preferências pessoais. "Não cabe a mim julgar se a redublagem do filme ficou melhor ou pior. Tanto em São Paulo quanto no Rio temos excelentes equipes de dublagem. Eu prefiro a minha voz no Jim, e essa história toda, no fim, foi até boa porque depois fui convidado para dublar outros filmes com o Jason Biggs", comenta Junior.

Dubladores em jornada dupla

No Brasil, a profissão não é muito valorizada. Os profissionais são, em grande maioria, autônomos. O salário depende do número e do tamanho das dublagens feitas durante o mês. A rotina de um dublador é puxada e cansativa. Em um dia normal de trabalho, pode haver três ou quatro gravações em estúdios diferentes, um em cada canto da cidade. Não é raro que muitos dubladores exerçam outras profissões além de trabalharem como atores de cena e locutores publicitários para rádio e televisão. Michel Di Fiori tem 21 anos e dubla desde os 11. Ele emprestou a voz para os personagens Neji Hyuuga da animação japonesa *Naruto* e o TJ, da série infantil

juvenil *Hannah Montana*, entre outros. Além de atuar e dublar, Di Fiori complementa a renda como chef de cozinha e produtor cultural. "É complicado indicar a profissão de dublador para quem se interessa pela área, porque é bem arriscado tentar viver só disso. A pessoa precisa ser corajosa e procurar, antes de tudo, a formação de ator", diz.

Dublado x legendado

Apesar de grande parte dos admiradores de cinema torcer o nariz para filmes dublados, é preciso reconhecer que a dublagem é uma grande aliada na difusão da cultura internacional, além de apresentar um desafio para atores de cena. Seria impossível oferecer somente filmes legendados, principalmente nos canais de televisão

aberta, para os brasileiros. Uma boa parte da população não tem noção de outros idiomas e alguns não conseguem nem mesmo acompanhar legendas num filme. É o caso da vendedora Tânia Ferreira: "Gosto de filme dublado quando estou com sono ou com preguiça de ficar lendo, ou quan-

do o filme é muito complexo, que exige que eu preste muita atenção aos detalhes", afirma. Há também aqueles que veem mais graça em filmes dublados. Flora Paulita, por exemplo, faz questão de acompanhar o trabalho dos colegas. "A graça do filme dublado é que você pode prestar mais atenção na cena,

não perde tempo lendo o que está escrito e pode se concentrar em todo o resto. Quando a dublagem é bem feita então... Eu, pelo menos, viajo nas interpretações, sincronismo e brincadeiras que alguns dubladores fazem. Tem filmes que só assisto se for dublado", conta a dubladora.



Na Espanha, em 1908, a dublagem surgiu por acaso, durante uma exibição da comédia Os competidores. Alguns atores, de brincadeira, ficaram atrás da tela e emprestaram as vozes para os personagens, tentando sincronizar as falas com os movimentos labiais dos personagens na tela. O público gostou da ideia, e a prática começou a se espalhar. A dublagem técnica só começou a ser realizada nos Estados Unidos em 1927, com o filme The Jazz singer – O cantor de jazz, de Alan Crosland. O som foi gravado separadamente da imagem, e era reproduzido, durante a exibição do filme, em um disco de acetato. Mesmo tendo poucas falas, o filme deu um prêmio ao ator Al Jolson, por ele ter sido o primeiro artista a falar e a cantar num filme, com a voz gravada em banda sonora sincronizada. O primeiro longa-metragem totalmente dublado, Luzes de Nova York, foi lançado dois anos depois.

Até 1930, o mundo só ouvia falar em filmes legendados. Até que, nos Estados Unidos, o cineasta Jacob Karol inventou um sistema de gravação que permitia sincronizar áudio e imagem. Agora, vozes gravadas em estúdio poderiam substituir as originais do filme. Era o nascimento da técnica de dublagem conhecida atualmente. Este novo recurso permitiu o aprimoramento da qualidade sonora dos filmes e uma melhor captação do som. No Brasil, a dublagem chegou primeiro no Rio de Janeiro, nos estúdios da CineLab, em 10 de janeiro de 1938, com o desenho animado da Disney **Branca de Neve e os sete anões**.



Curiosidades

- Os primeiros elencos de dublagem foram integrados por atores de rádio. Eram vozes consagradas na época pelo sucesso das rádio-novelas.
- O programa Ford na TV, que apresentava pequenos dramas de 30 minutos de duração, foi a primeira série dublada apresentada na televisão brasileira. Depois vieram **Rin-Tin-Tin**, Lanceiros de Bengala e Papai sabe tudo.
- Até os 16 anos, o registro profissional para dubladores só é concedido mediante uma autorização do Juizado da Infância e da Juventude. A partir dos 16, até completar a maioridade, o registro profissional para dubladores depende da autorização dos pais ou responsáveis do jovem interessado.
- **Orlando Drummond**, o dublador de Popeye, já conseguiu escapar de um assalto por causa da profissão. Certa vez, o ator voltava de uma gravação no Projac, Zona Oeste do Rio, quando foi abordado por uma "rapaziada brutamontes". A coisa estava ficando feia, até que um dos bandidos percebeu que o ator era o Seu Peru da Escolinha e a voz de Popeye e Scooby-Doo. No mesmo momento Drummond foi liberado e os bandidos até o convidaram para tomar uma cervejinha.
- A Herbert Richers foi uma das empresas pioneiras da dublagem no Brasil. Seu dono, que deu nome à empresa, era amigo de Walt Disney, e foi através do pai do Mickey Mouse que Richers conheceu a técnica da dublagem e a importou para o Brasil. **Herbert Richers** morreu no Rio de Janeiro em 2009, aos 86 anos, mas até hoje seu nome é ouvido no começo de vários filmes dublados. Quem não conhece a frase "Versão brasileira: Herbert Richers"?

